“Uma adjunta conversara intimamente com a mestra, em um tom que me permitia ouvi-las sem indiscrição.

Falava de si, de sua vida passada, dando graças a Deus por ter um emprego, cujo ordenado lhe consentia um certo conforto, evitando que o irmão, única pessoa da família, a protegesse dando-lhe cousas olhadas como supérfluas, por mais necessárias que fossem, pela cunhada rapariga invejosa e irônica, segundo frases suas.

- Estou morta por tirar a cadeira, continuava, só assim viverei tranquila.

A professora animou-a; ela retirou-se com um sorriso satisfeito, e eu fiquei pensativa.

Nessa noite sonhei que era mestra: tinha uma casa grande, com jardim, onde cantavam doudamente, em uma alegria exuberante e abençoada, os passarinhos. Quando acordei disse o sonho a minha mãe. Vi-lhe no rosto lampejar a alegria.

[...]

Sonhando ser mestra, eu não imaginava o descanso, o repouso ameno que eu daria a minha mãe como recompensa dos grandes sacrifícios feitos por ela para meu bem estar eu não pensava em ser útil, em tornar-me necessária, imprescindível: eu não queria ser mestra para não morar em um *cortiço* mal alumiado, infecto, úmido, nesta terra onde há tantas flores, tanta luz e tantas alegras. O caso é que, fosse qual fosse a mão que me escreveu no pensamento a resolução de vir a ser professora, pertencesse ela à tentação diabólica do luxo ou à compreensão de um dever, fosse qual fosse, eu a abençoo”

(Júlia Lopes de Almeida, *Memórias de Marta*, 1888)

“O cortiço em que morávamos gozava da fama de ser um dos mais pacatos do bairro, devido à previdência do proprietário, um carroceiro português, que morava com família no local, na primeira casa a esquerda do portão.

Ele gabava-se de só consentir ali gente séria, e o caso é que os moradores ficavam atolados naquela ignomínia anos e anos, afeitos à promiscuidade e retidos pela barateza dos aluguéis.

Eu passava os nossos dias fora de casa no colégio e voltava sem pressa para o meu quarto, melancólico. Estudava com esforço; arrancava as ideias do cérebro dolorido, pertinazmente, lutando com a preguiça que me invadia toda, com a inteligência que fraqueava e repelia as lições. Oh! mas o vexame naquele portão de cortiço, daqueles vizinhos que na fama de moderados se esmurravam e guinchavam impropérios, dava-me alentos para a luta.

O senhorio mascarou um dia a sua propriedade com o nome de *avenida*, caiou as casas, despediu um casal de pretos quitandeiros que empestavam de frutas podres todo o cortiço, fez uns tanques para as lavadeiras sem elevar o preço das suas casinhas.

Isso decidiu-nos a ficar por mais tempo. Ele bem sabia que a gente não podia ir bater a outras portas mais asseadas, o dinheiro era quase nenhum, e a saúde fraca. Entretanto distinguia-se sempre com as suas menos rudes cortesias.

Duas casas adiante da nossa, ao lado da ilhoa, morava uma mulata gorda, a Eulália, lavadeira, que invariavelmente todos os sábados vinha cambaleando da venda, a falar alto, sobraçando uma garrafa de Paraty.

Toda a gente do cortiço se reunia e a provocava, rindo muito das suas palavras inconexas e dos seus esgares. Mandavam-na dançar, batiam palmas, assobiando lundus, incitando-a aos requebros em que ela bamboleava o corpo mal firme; às vezes a desgraçada ia ao chão; vaiavam-se estrepitosamente, ela então, zangada, atirava-lhes pedras e os chinelos, e eles fugiam, às gargalhadas, batendo com os tamancos ou os pés descalços, no chão”

(Júlia Lopes de Almeida, *Memórias de Marta*, 1888)

“Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

[...]

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

[...]

Depois seguiam-se a Marciana e mais a sua filha Florinda. A primeira mulata antiga, muito séria e asseada em exagero: a sua casa estava sempre úmida das consecutivas lavagens. Em lhe apanhando o mau humor punha-se logo a espanar, a varrer febrilmente, e, quando a raiva era grande, corria a buscar um balde d’água e descarregava-o com fúria pelo chão da sala. A filha tinha quinze anos, a pele de um moreno quente, beiços sensuais, bonitos dentes, olhos luxuriosos de macaca. Toda ela estava a pedir homem, mas sustentava ainda a sua virgindade e não cedia, nem à mão de Deus Padre, aos rogos de João Romão, que a desejava apanhar a troco de pequenas concessões na medida e no peso das compras que Florinda fazia diariamente à venda”

(Aluísio Azevedo, *O cortiço,* 1890)